



**EIXO TEMÁTICO 2: SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
IDENTIDADE E DIVERSIDADE**

**ESTRATÉGIAS DE MULHERES ESTUDANTES DA EJA EM PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO**

**Ediany Aparecida Pereira Lima<sup>1</sup>; Carmem Lúcia Eiterer<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação: Educação e Inclusão Social da FaE/UFMG, Professora alfabetizadora da EJA. E-mail: ediany@ufmg.br <sup>2</sup> Professora Associada da Faculdade de Educação da UFMG, pesquisadora do NEJA. E-mail: carmenl@ufmg.br.

Conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 referentes à população brasileira, no Brasil há 93.390.532 homens e 97.342.162 mulheres, ou seja, há 3.951.630 mulheres a mais do que homens no país. Outro dado importante é que em todos os níveis de ensino (inclusive na Educação de Jovens e Adultos) há maior presença das mulheres na escola. Porém, ao observarmos os estudantes concluintes nas turmas desse segmento, essa maioria se inverte: os homens formam-se mais. Ao tentar compreender a situação, observamos que as mulheres evadem em maior número da Educação de Jovens e Adultos pelos mais diversos motivos: os filhos mudaram o horário de trabalho e elas terão que ficar com os netos, alguém da família adoeceu e cabe a elas cuidar desse doente, ciúmes do marido ou companheiro, etc. Com isso foi possível percebermos como questões de gênero influenciam na entrada e permanência das mulheres nas salas de aula da EJA.

Essa pesquisa de mestrado, financiada pelo CNPq, pretende articular as categorias gênero, raça, trabalho e geração ao analfabetismo e entender como as mulheres da Educação de Jovens e Adultos constroem estratégias para cumprir seus papéis sociais anteriormente e durante o processo de alfabetização. Assim, ouvimos as narrativas de mulheres que estão sendo alfabetizadas no momento da pesquisa ou foram alfabetizadas na idade adulta (recém-alfabetizadas), matriculadas nas turmas de 1ª a 4ª série da EJA.

O principal objetivo desse trabalho é investigar as estratégias construídas por mulheres negras educandas da Educação de Jovens e Adultos para viver (trabalhar, criar filhos e netos, etc.) em uma sociedade estruturada pela escrita. Objetivamos também resgatar as trajetórias de vida e trabalho dessas mulheres, investigar as primeiras experiências escolares dessas educandas e assim identificar os fatores responsáveis pelo não acesso à escola ou pela interrupção do processo de escolarização. Além disso, queremos levantar os eventos de letramento de que essas mulheres participam em sua vida cotidiana (casa, trabalho, escolarização dos filhos).

Nessa pesquisa, consideramos negras as pessoas classificadas como pretas e pardas nos censos demográficos realizados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os dados estatísticos produzidos por instituições públicas brasileiras, como o IBGE e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram que se justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a



situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco (GOMES, 2005, p.40).

Para entender quais caminhos as mulheres educandas da EJA utilizam para viverem em uma sociedade marcada pela escrita mesmo não sabendo ler e escrever utilizamos o conceito de estratégia proposto por Bourdieu (2004; 2007). Para o sociólogo francês, as estratégias são tomadas de posição apreendidas e realizadas inconscientemente pelo agente que se encontra em disputa no campo social, são resultados de experiências vividas socialmente. Ao serem incorporadas pelos sujeitos, essas experiências criam o *habitus* (um sistema de disposições que produzem estratégias que se ajustariam às diversas situações em que os sujeitos estivessem envolvidos). Desse modo, os indivíduos agem pelo senso prático do jogo, não atuando mecanicamente e nem calculando racionalmente suas ações. Assim, a experiência já incorporada torna o sujeito capaz (ou não) de construir espontaneamente estratégias necessárias às necessidades de sobrevivência.

Sobre a Educação de Adultos no Brasil, Sérgio Haddad (1994) afirma que essa se constituiu muito mais como produto da miséria social do que do desenvolvimento. Afirma ainda que esse segmento é consequência dos males do sistema público regular de ensino e das precárias condições de vida da maioria da população, que acabam por condicionar o aproveitamento da escolaridade na época apropriada.

Utilizou-se, enquanto procedimento metodológico, a abordagem da pesquisa qualitativa. Segundo Bogdan e Biklin (1994), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Ainda de acordo com esses autores, na abordagem qualitativa “as questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formulados com o objetivo de investigar os fenômenos em toda sua complexidade e em contexto natural” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 16). Segundo Le Ven (2008), a metodologia qualitativa não é uma designação técnica e sim qualitativa, pois envolve sujeitos que possuem nome, história, trajetórias de vida (LE VEN, 2008, p. 14).

Escolhemos como ferramenta metodológica o estudo de caso, na perspectiva de Robert Yin (2005). Yin afirma que o estudo de caso é aplicado com o objetivo de se compreender os diferentes fenômenos sociais, em que não há uma definição substancial sobre os limites entre o fenômeno e o contexto.

Foram realizadas entrevistas individuais narrativas, em dois momentos. Segundo Flick (2009), as narrativas produzidas pelos entrevistados, como forma de obtenção de dados, podem ser uma alternativa às entrevistas semi-estruturadas.

Foi possível constatar com as entrevistas, conforme Galvão e Di Pierro (2007) já destacavam, que a grande maioria dos analfabetos é constituída por pessoas oriundas do campo, de municípios de pequenos, nasceram em famílias com muitos filhos e geralmente muito pobres.

Verificamos também o que as autoras apontam sobre a interrupção dos estudos dos sujeitos da EJA: algumas vezes, os sujeitos não alfabetizados foram à escola por períodos curtos e descontínuos, realizaram aprendizagens pouco significativas. Além de terem vivenciaram experiências de fracasso, castigo e humilhação. Dessa maneira, a interrupção dos estudos e o reduzido uso social das habilidades adquiridas na escola levaram essas pessoas à regressão a condição de analfabetos (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p. 16).



Percebemos ainda que nossas colaboradoras iniciaram no trabalho doméstico, seja remunerado ou não remunerado, ainda na infância. Esse foi o fator principal para interrupção ou não acesso à escola enquanto crianças.

Como já salientado anteriormente, a pesquisa encontra-se em andamento e não é possível ainda apresentar os resultados e conclusões finais. Mas podemos citar algumas estratégias reveladas pelas colaboradoras: uso da memorização, pagamento de contas e recebimento de salários em casas lotéricas (o que evita a ida ao banco ou o uso do caixa eletrônico), identificação de produtos e sabores pelas cores (comprar um suco de cada cor, por exemplo). Foi mencionada ainda a estratégia de fingir ter esquecido os óculos quando solicitada a leitura e/ou preenchimento de algum formulário.

Até o momento confirmou-se nossa hipótese de que as questões relativas a gênero, raça e pouca escolarização conjugadas produzem efeitos sociais na vida dessas mulheres. Espera-se com esse trabalho contribuir ampliando os conhecimentos acerca desse público, de modo que, o conhecimento de suas especificidades possa contribuir para a formação de educadores para a Educação de Adultos, revertendo-se em práticas pedagógicas mais adequadas as suas demandas.

**Palavras chave:** Educação de Jovens e Adultos; mulheres; analfabetismo.

### Referências

- BOGDAN, Robert; BILKEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa – 3ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. *Preconceito contra o analfabeto*. São Paulo, Cortez: 2007.
- GOMES, Nilma Nilo. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- HADDAD, Sérgio. Tendências atuais na Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In: *Anais do encontro Latino-americano sobre Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC/INEP, 1994.
- LE VEN, Michel Marie. *Afeto e Política – Metodologia qualitativa: história oral de vida e sociologia da cultura*. Belo Horizonte: FALÉ/ UFMG, 2008.
- YIN, Robert. *Estudo de caso*. 3ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.